

“Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde Pública”

VULNERABILIDADE E TEORIA SOCIAL: ALGUNS APONTAMENTOS À LUZ DA OBRA DE PIERRE BOURDIEU

RELATÓRIO

1. Apresentação

O presente relatório apresenta o sétimo encontro do ano de 2011 do “Ciclo de Debates sobre Bioética, Diplomacia e Saúde”, promovido pelo Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília (UnB), com apoio da Direção Regional de Brasília da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ Brasília) e da OPAS/OMS/Brasil. Esta reunião do Ciclo tratou do tema “Vulnerabilidade e teoria social: alguns apontamentos à luz da obra de Pierre Bourdieu”. A seguir, são apresentadas reflexões que podem ser incorporadas ao NETHIS a partir dos debates do Ciclo.

2. Vulnerabilidade e teoria social: alguns apontamentos à luz da obra de Pierre Bourdieu

Palestrante: Miguel Ângelo Montagner (UnB)

Debatedor: José Paranaguá de Santana (OPAS/OMS)

Data: 25 de agosto de 2011

Local: Fiocruz Brasília

O palestrante iniciou sua apresentação referindo que as ciências sociais estão na origem do campo da saúde coletiva, sendo que cientistas sociais participaram da formação do campo *saúde coletiva* nas *ciências da saúde* – o que é uma característica deste campo no Brasil.

A saúde coletiva surge a partir da discussão sobre desigualdade social (própria do campo das ciências sociais) no âmbito das ciências da saúde. Segundo o palestrante, ela recebeu influência do pensamento marxista (anos 1970), que entrou no Brasil com a obra de autores como Asa Cristina Laurell, que discutia o processo saúde-doença e suas condicionantes de classe (problemas de saúde e índices sanitários distintos conforme a classe social, traduzindo a desigualdade econômica no campo da saúde). Outra influência foi da Maria Cecília Donnangelo, que também partia da abordagem marxista para analisar o papel da saúde na estrutura de classes brasileira (obra *Saúde e sociedade*, de 1976). Juan César Garcia, também marxista, trabalhava a saúde sob perspectiva marxista, contrariando o funcionalismo; ele agregou muitos pensadores e sanitaristas em países latino-americanos, por ter sido funcionário da OPS/OMS.

O palestrante destacou que “nos anos 90, passa-se a trabalhar o conceito de vulnerabilidade, como forma de apontar para causas sociais dos adoecimentos e não para a vítima ou grupos sociais em risco”. Ainda segundo Montagner, “trata-se de uma ultrapassagem do conceito de desigualdade social fundada somente na estrutura de classes, apontando para aspectos além do econômico *per se*”. Com isso, supera-se a análise apenas sobre as desigualdades de classes, para estudar outros fatores, vale dizer, supera-se o estrito enfoque do *risco*, para um enfoque da *vulnerabilidade*.

O palestrante notou que no campo das ciências sociais, a categoria da *vulnerabilidade* já era conhecida. Então realizou breve resumo do pensamento sociológico, partindo de Augusto Comte, que promoveu o salto conceitual do termo *física social* para o termo *sociologia*.

No Brasil, as ciências sociais têm como primeiros expoentes Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda (“homem social”, teoria do patrimonialismo) e Caio Prado Júnior. Outra linha sociológica importante, destacada por Montagner, é a da escola uspiana (que influenciou Donnangelo): escola paulista de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni. Segundo o palestrante, esses autores “introduziram um programa de pesquisas interessado na possível modernização do país. Focaram as mudanças no corpo social”.

Ainda de acordo com Montagner, para a compreensão atual do conceito de *vulnerabilidade*, é importante compreender o *neoliberalismo* – o qual, segundo Lúcio Kowarick, trata-se de um processo mundial que, sobretudo nos Estados Unidos, tem sido caracterizado pela “culpabilização das vítimas”, com “ênfase na questão estamental (cultura da pobreza, *welfare dependency*, parasitismo social)”, fazendo uso de categorias preconceituosas como *underclass* (desclassificado, subclasse, inútil social). Com o neoliberalismo, ainda segundo o palestrante, entrou em crise a sociedade salarial (Robert Castel), com a precarização do trabalho, extinção de determinadas profissões – o que provoca crise de identidade profissional de grande número de trabalhadores, perda de enraizamento social, perda das raízes sociais (donde se passa a falar nos *sobrantes, inúteis, desabilitados socialmente*).

De acordo com o palestrante, esse processo também ocorre no Brasil, com forte exclusão social nos anos 80 e 90, forte precarização do trabalho (o que provocou a descrença no *mito da ascensão social* decorrente do esforço e do trabalho; essa descrença tem a ver com a visão *patrimonialista* da sociedade brasileira). No Brasil, Montagner aponta a “não responsabilização do Estado”, porque considerado pela sociedade ineficaz e corrupto, a ascensão das ONGs em substituição ao Estado, a destituição de direitos trabalhistas, a acomodação social.

Na teoria de Pierre Bourdieu, segundo palestrante, estão conceitos importantes para se pensar a *vulnerabilidade* e a *desigualdade*. Bourdieu, na tradição marxista, não abriu mão da teoria da dominação, discutindo o Estado e a sociedade pelo enfoque da sua

ordem simbólica, da cultura. Bourdieu analisa, por exemplo, o papel da mídia para gerar o consenso social (lógica estamental ou simbólica) e bens culturais simbólicos, especialmente da televisão e do jornalismo, pois, como disse o palestrante: “Os universos simbólicos são estruturados historicamente”.

Montagner então ressaltou que Bourdieu, nas suas últimas obras, trabalhou a categoria do *universo simbólico* (poder simbólico), parecida com a ideia do *micropoder*, de Foucault. Mas com uma diferença: Bourdieu não abandonou a ideia do peso preponderante do Estado, ao contrário de Foucault, que destacou o peso de outras estruturas da sociedade.

Foi muito importante a análise que o palestrante fez do conceito de *campo* na obra de Pierre Bourdieu. Segundo Montagner, *campos* são “os universos sociais específicos e históricos, lugar de uma luta concorrencial dos agentes e dos grupos sociais em torno de princípios ‘localizados’ que compõem o capital específico daquele campo”. Ele ressaltou que se pode “mapear” um campo, por meio da análise das revistas especializadas, dos congressos, dos alunos etc. Assim, o campo é um espaço de luta concorrencial feroz. Daí Montagner falar que um campo “é consenso no dissenso”.

Além disso, também conforme o palestrante, o *campo* “possui uma autonomia relativa: um corpo com ‘legitimidade’ socialmente reconhecida”, pois o que é legítimo no campo é o que os próprios membros do campo determinam, o que abre espaço para hegemonias – trata-se do “princípio de legitimação interna ao campo”. Para Bourdieu, a representação gráfica dos campos é como um *móvil*: várias partes com movimentos próprios, mas unidas por um ponto comum (ponto de equilíbrio).

Em suma, campos sociais podem ser percebidos como espaços de conflitos, a partir das dicotomias: *dominantes e dominados*; *vanguardas e heréticos*; *conservadores e revolucionários*; *capital simbólico* (científico etc.) versus *capital temporal* (administrativo, de grupo, de área). Neste sentido, Montagner destacou que há hegemonias não apenas entre grupos de um campo, mas entre áreas de um mesmo campo (por exemplo, a hegemonia da área da genética no campo científico).

Outro conceito de Bourdieu destacado pelo palestrante foi da *teoria da dominação*: “uma proposta de análise das relações entre os campos sociais e o papel do Estado na regulação dos grupos sociais. O Estado como legitimador das diferenças através do

sistema de ensino, de formação e distribuição dos 'capitais'". Sobre este tema, Montagner chamou a atenção para duas obras de Bourdieu: *La Distinction* e *O Poder Simbólico*. Segundo o palestrante, Bourdieu consegue mapear os usos sociais utilizando critérios e variáveis não apenas econômicos.

Montagner também destacou que o campo do poder não se confunde com o campo político, pois "é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital", em cujo centro está o Estado, o qual não desapareceu (como diziam os neoliberais) – bem ao contrário, foi o Estado que socorreu os grandes bancos na crise econômica recente. O Estado é o ponto central, o ponto de equilíbrio do *móBILE*, segundo o palestrante.

Na sociedade, segundo o palestrante, vários tipos de capital entram em jogo (econômico, cultural, social, simbólico, físico). Daí decorre a ideia de que na sociedade não existe apenas a falta de dinheiro, mas também a falta de condições simbólicas (ex.: ser imigrante argelino na França), o que implica a *grande miséria*, ou *miséria da condição* ("Posição ocupada no macrocosmo social e na 'ordem' societária"). Por outro lado, existe a *pequena miséria*, ou *miséria de posição* ("relacionada ao ponto de vista de quem vivencia os Microcosmos Sociais"). Há, ainda, os *excluídos do interior*, os quais, embora estejam inseridos, são excluídos, como os filhos franceses de imigrantes argelinos – trata-se de uma exclusão invisível.

O palestrante então destacou que as *práticas sociais* são expressão da hierarquia social, manifestada pelo uso dos capitais simbólicos. Segundo Montagner, estas práticas sociais manifestam a *violência simbólica*. A violência simbólica é resultado de uma cultura dominante, tida como legítima pela sociedade organizada hegemonicamente. Ou o sujeito reconhece essa cultura e tenta se adaptar a ela, ou procura opor-se a ela. Ainda segundo o palestrante, a violência simbólica aponta para o *imperialismo moral*, de acordo com a proposta teórica de Volnei Garrafa e Cláudio Lorenzo.

Debate

O debatedor, Doutor José Paranaguá de Santana, iniciou destacando que o tema da vulnerabilidade pode ser discutido de diversas formas, no campo da bioética. Paranaguá apontou dois elementos essenciais da abordagem proposta por Montagner:

1. Leitura da vulnerabilidade na versão marxista, que está associada à concepção desse movimento de construção do ideário da medicina social ou da saúde coletiva brasileira. Trata-se da mudança do significado de *causa*, que não é apenas biológica ou física como antes, mas é *causação*, ou *determinação social*, que muda conforme o contexto histórico, ambiental ou social. Ou seja, saúde e doença não são determinadas apenas por elementos físicos ou biológicos, mas principalmente por circunstâncias socioeconômicas decorrentes das situações de vulnerabilidades.

Paranaguá critica o uso do termo “determinantes sociais”, os quais ainda induzem a pensar em *causas*, e prefere o termo “determinação social”, o qual é mais adequado para compreender a *causação* ou *determinação social*.

2. O conceito de campo, de Bourdieu, é outro elemento chave para compreender a vulnerabilidade no campo da intersecção entre bioética, saúde pública e diplomacia.

Esses são os dois referenciais que cercam a relação entre bioética, diplomacia e saúde pública.

Ainda segundo o debatedor, a *incerteza* é elemento chave para compreender a *vulnerabilidade*, a qual pode ser definida como “a fragilidade diante da incerteza”. Tem-se que fugir tanto da confusão quanto da ambiguidade do conceito de vulnerabilidade: é algo que dizia respeito a “riscos e danos associados à participação de seres humanos em pesquisas biomédicas”. Depois, passou a compreender “incertezas e iatrogenias decorrentes das biotecnociências”. Então, recentemente, passou a tratar “malefícios para a saúde e o bem estar resultantes do desenvolvimento industrial (C&T&I) e seus impactos sobre a Natureza”.

Qual o uso prático de um conceito de *campo*? Pode-se resolver um problema que está na confluência entre três campos (diplomacia, bioética, saúde pública) sem estabelecer um *campo* próprio dessa intersecção? Trata-se da “construção de um campo interdisciplinar na confluência da bioética com a diplomacia e a saúde coletiva”. Paranaguá propõe isso com “foco da *bioética da intervenção* sobre os dilemas decorrentes da tensão/confronto

entre os princípios da solidariedade (altruísmo da saúde pública) e da razão de Estado (interesses diplomáticos)”.
Após o debate, abriu-se para o público perguntar e fazer considerações sobre as discussões do Ciclo.